



Participantes da 1ª Oficina de Mapas realizada nos dias 20 e 21 de julho de 2007 na sede de Barcelos: Lurdes Bernardo dos Santos, Mamédio José dos Reis, Alcimar Viana Justo, Francisco Araújo dos Santos, João Batista Reis, Alírio Sávio dos Reis, Graciliano da Silva Pissinga – “Dilcélio”, Ângela Lacerda Ramos, Paulo Lopes – “Paulão”, Francinei Reis Cardoso – “Champanhe”, Marino Calisto Pinheiro, Claunete Pinheiro, Manuel Alberto Caldeira Chaul, José Alberto Peres, Jose Martinho F. Albuquerque e Jair Gomes Pereira.

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 17

Piaçabeiros do Rio Aracá, Barcelos – Amazonas

Manaus, julho 2007

ISBN: 85-86037-20-6

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSCA-UFAM-CNPQ-FAPEAM)

Equipe de Pesquisa

Franklin Plessmann de Carvalho – UFBA
Elieyd Sousa de Menezes – UFAM
Jose Martinho F. Albuquerque
Alfredo Wagner Berno de Almeida – UFAM

Edição

Franklin Plessmann de Carvalho

Cartografia e mapas

Laura Adriana Chamo

Fotografia

Elieyd Sousa de Menezes
Franklin Plessmann de Carvalho

Cooperativa Mista Agroextrativista dos Povos e Comunidades Tradicionais do Médio Rio Negro – COMAGEPT

Presidente Manuel Alberto Caldeira Chaul

Vice-presidente José Alberto Peres

Tesoureiro José Martinho F. Albuquerque

Secretário Jair Gomes Pereira

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8

www.designcasa8.com.br

O que é ser piaçabeiro?

"*Piaçabeiro* é quem corta piaçaba, quem conhece e beneficia. É quem sabe extrair".

"Somos *piaçabeiros* porque não temos profissão na cidade".

"O *piaçabeiro* acaba sendo obrigado a ficar longe da família quando os filhos têm de estudar. Mas não é fácil, não".

"Quando a gente vai para o piaçabal com a família a gente vai tranquilo".

"A vida do *piaçabeiro*, tendo saúde, não é ruim não. É melhor que na cidade".

"No verão fica mais fácil o alimento, mas é mais difícil o transporte. Já no inverno é mais difícil o alimento e mais fácil o transporte".

Grupo 1 da Oficina de Mapas: Alcimar, Francisco Araújo, João Batista e Alírio

A dependência do patrão e o aviamento

"Todo *piaçabeiro* tem um *patrão* e o *patrão* chama cada *piaçabeiro* de meu *freguês*".

"Tem três formas de ter um *patrão*: passando de pai para filho; quando um outro *patrão* oferece vantagens como mercadoria mais barata e o quilo da piaçaba mais melhor; ou quando o *freguês* procura um novo *patrão*".

"A pessoa pega o dinheiro e o *rancho* com o *patrão*, deixa um pouco com a família e sobe para o igarapé, gastando 3 a 4 dias até a boca, depois mais umas cinco horas até chegar na *colocação*".

"A gente trabalha 5 meses e produz 5 toneladas durante este tempo. Aí a gente faz a condução e gasta mais dez dias até a boca do igarapé. O *patrão* chega, pesa o produto e tira a *tara* que pode chegar a 30%. Faz a despesa, mais ou menos de três mil reais, e acerta a conta que no final ficamos sempre devendo".

"A gente pega duzentos reais de abono com o *patrão* e já paga cinquenta de juros. O fardo de farinha a gente compra de 75 reais, o quilo de café de 15, o açúcar de 2,50, feijão de 4 reais e a gasolina de 5 reais o litro".

Grupo 1 da Oficina de Mapas: Alcimar, Francisco Araújo, João Batista e Alírio

Onde ficam os piaçabais?

"Os piaçabais da região de Barcelos estão localizados na margem esquerda do rio Negro nos afluentes e sub-afluentes. Os principais são: rio Aracá, rio Ereré, rio Padauri e rio Preto.

Dentro do rio Aracá temos como principais afluentes: Madixi, Curuduri, Limão, Buião, Jauari, Amajaí, Monteiro, Onorino, Pretinho, Rei Lau, Beijaflorzinho, Demenizinho e Igarapé dos Índios.

Em cada afluente mencionado vamos encontrar um grande potencial de piaçaba. A distância aproximada para o início dos piaçabais é de 180 km a partir de Barcelos. É justamente nesses igarapés que estão localizadas as *colocações* (local de moradia). Essas *colocações* são abertas por extratores de fibra de piaçaba conhecidos na região como *piaçabeiros*".

"Vale ressaltar que em todos os igarapés os *patrões* se intitulam "donos" não permitindo a entrada de terceiros. Quando os *piaçabeiros* começam a explorar sem autorização logo são ameaçados de serem retirados das colocações ou pagar uma renda (percentual da produção do *piaçabeiro*) para o suposto dono que pode chegar até 30%.



Palmeira de piaçaba

Apesar de termos o conhecimento que todos os igarapés pertencem ao Estado ou a União, os moradores desses locais não estão com o direito de trabalhar garantidos.

Diante de tal problema a Cooperativa Mista Agroextrativista dos Povos Tradicionais do Médio Rio Negro – COMAGEPT solicita ao poder público Estadual e Federal a imediata regularização fundiária para que os *piaçabeiros* possam garantir o direito de explorar os recursos naturais de forma sustentável, assegurando o sustento de suas famílias e não sendo submetidos a trabalho forçado”.

Grupo 2 da Oficina de Mapas: Mamédio, Chaul, Martinho e Peres

A colocação

A abertura dos caminhos

“Quando chega num local de *colocação* faz uma barraca simples e vai andar no mato, dois ou três dias para fazer exploração. Se não achar piaçaba em quantidade se procura outro local. Encontrando piaçaba a gente limpa o igarapé, faz uma barra melhor, definitiva, e fica nesta colocação de 3 meses até um ano. Se acabar a temporada e ainda tiver bastante piaçaba, se volta no outro ano. Uma vez explorada essa colocação consideramos nossa”.

“Tiramos um dia para abrir o caminho, o variante. Depois vai se abrindo as galhas, que são os caminhos secundários. Se a distância é longa pode se levar até 4 dias para abrir o caminho”.

“Tem locais que abrir o variante pode chegar a doze dias”.

Extração, transporte e beneficiamento

“Tem piaçabal virgem e piaçabal já cortado que chamamos de *mamaipoca*”.

“O processo é destalar – bater, pentear bem – para espantar os bichos como aranhas, lacraia, tucandeira, cobras”.

“Depois corta. Dois tipos de corte: *arrebite* e corte normal”.

“Depois de cortar umas dez árvores junta tudo, enfarda e carrega para a *colocação*. A produção fica na base de 50 a 60 quilos por dia de trabalho de cada *piaçabeiro*.”

“Quando chega na *colocação* amarra e beneficia como tora, cabeça ou pacote. Depois de beneficiar tudinho põe no paiol. Cada um tem seu paiol, que é uma casinha onde se deposita a produção”.

Grupo 3 da Oficina de Mapas: Paulão, Ângela e Dilcélio



Hudson, Alírio e Edvaldo na colocação do Igarapé das Quatro Bocas



Hudson, Jorge e Péres no início do caminho variante do piaçabal do Igarapé das Quatro Bocas



Hudson, Jorge e “Neguinho” na metade do caminho variante do piaçabal do Igarapé das Quatro Bocas

Instrumentos e técnicas de extração da piaçaba



Sr. Edvaldo batendo e penteando a palmeira de piaçaba antes de cortá-la. Esta é uma mamaipoca, pois já foi cortada anteriormente



Sr. Jorge, cortando a palmeira de piaçaba deixando três talos que servirão para a reprodução das fibras futuramente



Sr. Jorge organizando as fibras



Na colocação, Sr. João reúne as fibras da piaçaba e as amarra. Perto está o aparador, instrumento de madeira que facilita as atividades



Hudson, deixando em "tora" as fibras de piaçaba com o terçado



Sr. João (com a cabeça de piaçaba), Hudson, Jorge, Neguinho, Edvaldo, Mauro, Maurício, Peres e Alirio (com o xibé)

Espaços sociais e de produção

-  Escola
-  Igreja
-  Posto de saúde
-  Roça

A piaçaba

-  Paragem
-  Avião e embarque de piaçabas
-  Repartimento
-  O piaçabal: zona de extração da piaçaba

A pesca

-  Tucunaré / Pesca esportiva e comercial
-  Pesqueiro / Arribeação de aracu
-  Peixe ornamental
-  Remo "rabo de piranucu"

O extrativismo

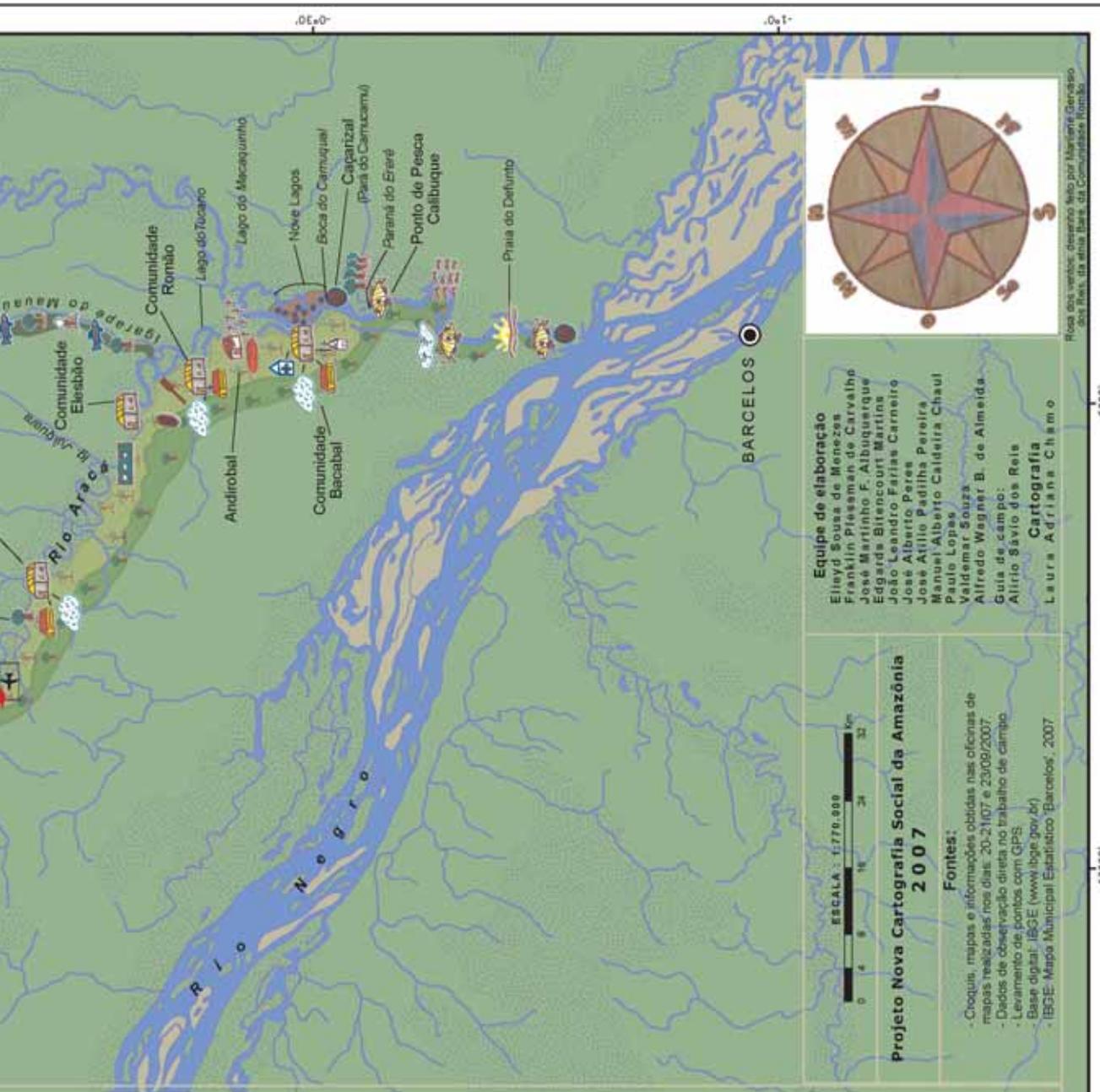
-  Castanhal
-  Cipó tífica
-  Caçarizal
-  Andriobal
-  Pataudá
-  Damijá com sorval
-  Zona de castanhal
-  Zona de Jauri
-  Igarapé do Mauau: zona de extrativismo

Conflitos

-  Conflito em igarapé por extração de piaçabas
-  Conflito em lagos com pesca comercial e esportiva

Convenções cartográficas

-  Sede Municipal
-  Cursos d'água
-  Terreno sujeito a inundação
-  Ilhas



Equipe de elaboração
 Eleyd Sousa de Menezes
 Franklin Pressman de Carvalho
 José Martinho F. Albuquerque
 Edgard Bitencourt Martins
 João Leandro Farias Carneiro
 José Alberto Pires
 José Atílio Padilha Pereira
 Manuel Alberto Caldeira Chaul
 Paulo Lopes
 Valdemar Souza
 Alfredo Wagner B. de Almeida

Guia de campo:
 Alirio Sávio dos Reis

Cartografia
 Laura Adriane Chamo

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia 2007

- Fontes:**
- Coqueij, mapas e informações obtidas nas oficinas de mapas realizadas nos dias: 20-21/07 e 23/09/2007.
 - Dados de observação direta no trabalho de campo
 - Levantamento de pontos com GPS
 - Base digital: IBGE (www.ibge.gov.br)
 - IBGE: Mapa Municipal Estatístico 'Barcelos', 2007

Floza dos ventos, desenhado pelo Marlene Gerônimo dos Reis, da arte Barã da Comunidade Romão

-64°0' -63°30' -63°0'

Condução e paragem

“Da *colocação* levamos para *paragem* em várias viagens. 500, 1.000, 2.500 quilos por viagem, depende da canoa e do igarapé. É na *paragem* que se encontra o *freguês* com o *patrão* para pesagem e acerto de contas”.

“Cada um tem sua conta e entrega a produção que é pesada de um a um. Muitas vezes a balança já rouba no peso. Depois de pesar a produção de todo mundo é que vai acertar as contas.”

“Para acertar as contas o patrão puxa o caderno com as dívidas e tira a *tara* do peso do produto entregue. Tiram de 10 a 30%, dependendo do *patrão*. Quase sempre fica dívida para o *freguês*”.

Grupo 3 da Oficina de Mapas: Paulão, Ângela e Dilcélio

Alimentação

“A vida no piaçabal começa bem cedo, pelas quatro, cinco horas. Faz o café, esquenta a comida, quando tem. Quando não tem comida amassa farinha com água para fazer os bolinhos. Tem mingau de farinha para substituir o café quando acaba”.

“A merenda do *piaçabeiro* é uma farinha, um pouco de pimenta e o xibé”.

“Quem vende o rancho e faz o preço é o *patrão*. No verão, no mês de outubro a gente leva um rancho para 4 meses. Levamos mais farinha, café, açúcar, tabaco, munição, papelinho, arroz, sal, sabão, combustol. Levamos um pouco de leite, pilha, terçado, anzol e linha”.

“Quando chega o fim de quatro meses temos que dar um jeito de encontrar o *patrão*, por o produto para fora e receber novo rancho”.

“Quando se chega do mato e tem almoço a gente come. Quando não tem, o jeito é ir caçar e pescar”.

“Quando se tem comida beneficia o produto. Se não tem comida sai de novo para caçar”.

“Quando se tem várias famílias na colocação tem várias cozinhas. Quando não tem família, só solteiros, faz uma cozinha só e divide-se a comida.”

Grupo 3 da Oficina de Mapas: Paulão, Ângela e Dilcélio



Maurício na cozinha dos piaçabeiros

Principais dificuldades e conflitos

Fome

“Tem igarapés que chega a se ficar dois dias sem comer, tanto por causa da caça e pesca que não tem e também porque o *rancho* acaba.”

“No tempo da *condução* não tem como caçar e pescar.”

“No verão temos que ir no rio grande, caminhando de 4 a 5 horas, buscar peixe para não ficar com fome. Lá passamos de 2 a 3 dias salgando peixe para depois voltar para *colocação*.”

Desconforto

“Época de muita chuva, principalmente na condução, passamos o dia e a noite molhados.”

A conta

“O preço da piaçaba é baixo, *tora* de R\$ 0,75 a R\$ 1,00 e *pacote/cabeça* R\$ 0,30 a R\$ 0,70.”

“O preço das mercadorias compradas do rancho, além de caro, varia na negociação do patrão com o freguês. Um quilo de açúcar em Barcelos está a R\$ 1,20 mas na colocação chega de R\$ 2,00 a R\$ 3,50. O litro de gasolina em Barcelos é R\$ 2,95 na colocação de R\$ 5,00 a R\$ 8,00.”

Trabalhando de graça

“Os trabalhos de limpar igarapés, montar a *colocação*, abrir o caminho, pescar, caçar, fazer a condução da piaçaba quem assume é o *piaçabeiro*. O *patrão* não paga por estes serviços.”

“Se o *patrão* arruma gasolina, o *rancho*, fica tudo anotado no caderno. Nada é dado.”

Doenças

“O *freguês* fica doente e o *patrão* nem liga. Se o *freguês* vem para cidade se tratar o *patrão* reclama. Não tem remédio, não tem assistência, quando tem remédio é muito caro”.

Grupo 3 da Oficina de Mapas: Paulão, Ângela e Dilcélio

“A questão da saúde, a grande dificuldade que nós, do distrito sanitário especial indígena estamos tendo é a proibição por parte dos *patrões* de entrar nos igarapés. Não sabemos quantas pessoas nasceram, quantas morreram, não sabemos a população real que tem lá no piaçabal, não sabemos do que adoecem, é uma dificuldade para a gente enquanto distrito sanitário”.

“Tivemos o caso de uma enfermeira que estava atendendo em área e chegou um rapaz picado de cobra. Esse rapaz nós tentamos transferir para Barcelos ou Santa Isabel, pois estava no limite dos dois municípios, para estar dando o primeiro atendimento. O *patrão* disse que nós não íamos fazer nada, pois era ele que iria fazer a assistência. Nós vimos que ele não tinha condições de fazer assistência. Nós cremos que ele levou de volta para o piaçabal, se morreu ou não?!... A ameaça se constituiu assim, o cara disse: você não vai mexer! É minha responsabilidade! Para gente isso é uma ameaça”.

Francisco Torres, enfermeiro e técnico supervisor geral do Distrito Sanitário que cobre os Municípios de Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos

Educação

“As crianças começam cedo no trabalho o que dificulta ir na escola. Tem *patrão* que obrigam os filhos a assumirem a conta dos pais”.

A briga dos patrões pelos igarapés já limpos

“Muitas vezes, depois de um grupo limpar o igarapé, abrir os caminhos, chega alguém falando que o igarapé tem dono”.

“Quem briga é *patrão* com *patrão*. *Piaçabeiro* com *piaçabeiro* não briga”.

Água

“Na época do verão os igarapés secam e ficamos na poeira. Para beber água temos que abrir cacimbas até de 5 metros”.

Grupo 3 da Oficina de Mapas: Paulão, Ângela e Dilcélio



Placa de proibição na entrada de um igarapé no Rio Aracá

A família

“Eu, quando estou indo embora sempre deixo um rancho para minha família, para sustentar meus filhos e tiro o mesmo tanto para eu poder trabalhar”.

“Eu me sinto um pouco feliz pelo rancho que ele sempre deixa para mim, e ao mesmo tempo quando acaba eu fico sem saída porque não tenho de onde tirar, para meus filhos comerem e beberem. E mesmo quando assim, quando vou atrás do *patrão* do meu marido ele diz que não tem”.

“Quando meu marido vai para o piaçabal ele deixa meu rancho, como por exemplo, farinha, sabão, café, açúcar, arroz, feijão, leite”.

“E como muita gente, meu marido trabalha para sustentar a família”.

“Eu me sinto muito preocupada com meu marido principalmente quando ele está na empresa. Quando sei que ele está doente eu sinto muito mesmo, pois sei que não tem remédio e eu não posso deixar meus filhos sozinhos para ir cuidar dele”.

“Quando meu marido foi embora ele deixou sim o rancho, mas não dá para quem vai passar três a quatro meses longe. Quando a gente vai na casa dos *patrões* eles vem com a maior ignorância. É assim a nossa história, da comunidade de Marará”.

“Quando acaba café, farinha, açúcar, sabão e sal, isqueiro, essas coisas que não pode faltar para vida dos *piaçabeiros*, se caso falta a gente morre porque não tem de onde tirar para comprar”.

“E tem muita mãe que passa por esse sofrimento, para poder deixar o filho estudar”.

“Muitas vezes a mulher agüenta quatro a cinco meses. Quando não agüenta mais, tira os filhos da escola e vai atrás do marido”.

Grupo 4 da Oficina de Mapas: Lurdes, Champanhe, Marino e Claunete

Piaçabal livre

“O sonho que a gente quer realizar é ter *piaçabal livre*, de poder entrar em qualquer igarapé, e extrair ela, a piaçaba. Vender para quem pague melhor, quem tem o melhor preço”.

“Queremos comprar algumas coisas, que seja um motor, uma canoa, uma geladeira, uma televisão. Temos um sonho de melhorar de vida”.

“Queremos garantir a educação de nossos filhos”.

“Queremos ter alimentação boa, medicamentos, assistência médica”.

“Temos o sonho de nosso produto ter um preço mais valorizado e as mercadorias que a gente compra um preço mais barato”.

Frases acima elaboradas em plenária da Oficina de Mapas

A cooperativa

A Cooperativa Mista Agroextrativista dos Povos Tradicionais do Médio Rio Negro – COMAGEPT nasceu da necessidade de se organizar para lutar pelos direitos de nossos cooperados e comercializar os produtos extrativistas tais como: piaçaba, cipó, seringa, óleos vegetais, castanha, pescados, peixe ornamental, produtos agrícolas e outras atividades extrativistas, substituindo a figura do patrão e desta forma, buscar o melhor preço para os produtos da região, melhorando, com isso, a qualidade de vida de seus familiares.

A cooperativa apóia a demarcação das terras indígenas e é expressamente contra a grilagem das terras historicamente ocupadas pelos povos tradicionais.

Participantes da 1ª e 2ª Oficina de Mapas realizadas em Barcelos nos dias 20 e 21 julho e 23 setembro 2007

Chaul, Martinho e Peres (reunião com os diretores da COMAGEPT)

1	Alcimar Viana Justo (31 anos)	Piaçabeiro
2	Alírio Sávio dos Reis (36 anos)	Piaçabeiro
3	Ângela Lacerda Ramos (43)	Piaçabeira
4	Claunete Pinheiro	Piaçabeira
5	Edgards Bitencourt Martins	Piaçabeiro
6	Francinei Reis Cardoso - "Champanhe" (27 anos)	Piaçabeiro
7	Francisco Araújo dos Santos (32 anos)	Piaçabeiro
8	Graciliano da Silva Pissinga – Dilcélio (50 anos)	Piaçabeiro
9	Jair Gomes Pereira	Diretoria da COMAGEPT
10	João Batista Reis (22 anos)	Piaçabeiro
11	João Leandro Farias Carneiro	Piaçabeiro
12	José Alberto Peres	Diretoria da COMAGEPT
13	José Atílio Padilha Pereira	
14	José Martinho F. Albuquerque	Diretoria da COMAGEPT
15	Lurdes Bernardo dos Santos (24 anos)	Piaçabeira
16	Mamédio José dos Reis (59 anos)	Piaçabeiro
17	Manuel Alberto Caldeira Chaul	Diretoria da COMAGEPT
18	Marino Calisto Pinheiro	Piaçabeiro
19	Paulo Lopes – Paulão (68 anos)	Piaçabeiro
20	Valdemar Souza	Piaçabeiro



Participantes da Oficina de Mapas realizada em Barcelos nos dias 20 e 21 julho 2007

CONTATOS

Cooperativa Mista Agroextrativista dos Povos
Tradicionais do Médio Rio Negro – COMAGEPT
Rua Estrada do Pensador 110 Bairro São Francisco
69700-000 Barcelos AM
telefone 97. 3321-1233

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford/ PPGSCA/ UFAM)

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das Peconheiras e Peconheiros da ilha de Itaocãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará



REALIZAÇÃO

Cooperativa Mista
Agroextrativista dos Povos
Tradicionais do Médio Rio Negro
– COMAGEPT

APOIO

Associação de Mulheres
Indígenas e Ribeirinhas de
Barcelos – AMIRB

Universidade Federal do
Amazonas – Programa de
Pós-Graduação Sociedade e
Cultura na Amazônia –
PPGSCA-UFAM

Universidade do Estado do
Amazonas – Programa de
Pós-Graduação em Direito
Ambiental – PPGDA-UEA

